

IDENTIDADE ÉTNICA DOS ÍNDIOS PANKARÁ DA SERRA DO ARAPUÁ: UMA PROPOSTA DE ESTUDO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Edivania Granja da Silva Oliveira¹

O estudo está focado no Bioma Caatinga, Sertão Pernambuco, mais especificamente, a Serra do Arapuá, área habitada pelo povo indígena Pankará, no município de Carnaubeira da Penha, que até 1991 pertencia ao Município de Floresta e através da Lei Estadual 10.626, passou a ser município autônomo. Carnaubeira da Penha faz parte da Mesorregião São Francisco e da Microrregião Itaparica, no Estado de Pernambuco, limitando-se com a Bahia. (MASCARENHAS, 2005).

A região em questão, a partir do Século XVII, passou a ser ocupada por não índios, pois dentro da lógica de expansão da atividade açucareira, o gado foi empurrado para o interior da Costa ou para os “sertões”. (LOPES, 2004). O Rio São Francisco foi importante via de acesso, uma vez que, “Foi através do São Francisco que o movimento colonial, inicialmente esparramado pela Zona da Mata, se afunilou no Agreste e penetrou fundo pelo Sertão”. (ARRUTI, 1995, p. 63). Nesse processo expansionista de interiorização do empreendimento colonizador português na América, especialmente na Capitania do Norte deu-se inicialmente por meio da implantação das missões, sob a égide da Igreja Católica Romana, principalmente com a atuação dos missionários Jesuítas, Capuchinhos e Oratorianos. A atuação desses religiosos contribuiu sobremaneira para o processo de aldeamento de povos indígenas considerados “hostis”, o que propiciou o expansionismo colonial. (SILVA, 2012).

Um dos objetivos das missões era conter a insegurança provocada pelos índios “não civilizados” no processo de ocupação pelas missões em áreas do Rio São Francisco. As missões eram compostas por uma heterogeneidade de povos indígenas. No Século XVIII nessa região são citados os índios Umãs que teriam vida nômade e praticavam a caça e coleta de frutas silvestres. E ainda, as bandeiras organizadas pelo governo de Pernambuco, como a

¹Licenciada em História pela UPE/Campus Petrolina. Professora de História do IF Sertão/PE Campus Petrolina. Mestranda em História no PPGH/UFCG, desenvolvendo pesquisas em História Ambiental.

chefiada por Jerônimo Mendes que pretendia encurralar os índios na Serra Negra tinha conhecimento de índios na Serra do Arapuá. (SALDANHA, 2011).

Vale ressaltar que a Serra Negra está situada na região semiárida do estado de Pernambuco, encontra-se entre os atuais municípios de Inajá e Floresta e a partir do Decreto Federal no. 87.591, de 1982, constituiu-se na Unidade de Conservação de Proteção–Reserva Biológica de Serra Negra, tendo como característica a formação de brejos de altitudes, denominadas regiões úmidas e isoladas dentro de áreas secas. (ICMBIO, 2012). A Serra do Arapuá faz parte do complexo maior de serras que é formado pela Serra Negra.

Os denominados brejos de altitudes do Semiárido do Nordeste são espaços de habitação de grupos humanos há centenas de anos, como é o caso da Serra do Arapuá. Registros desde o início do processo da colonização portuguesa na região citam a sua ocupação por indígenas e também por grupos quilombolas, servindo como refúgio e moradia desses grupos. (SILVA, 1999). A Serra do Arapuá tem altitude aproximada de 900 metros, também denominada um brejo de altitude, atualmente faz parte do município de Carnaubeira da Penha/PE, possuindo em torno de quarenta e sete aldeias, habitadas pelos Pankará, por pequenos agricultores e alguns fazendeiros de médio porte. (SOCIOAMBIENTAL, 2012).

A presença indígena na Serra do Arapuá é afirmada pelos seus atuais habitantes, como é o caso dos Pankará, como relatou um dos Pajés desse povo: “Nasci no torrão da Serra, na Aldeia Lagoa. Nasci dentro da Aldeia. A mãe que me pegou, a parteira era índia, tinha muita experiência na reza, oração e tenho orgulho de ser Índio Pankará” (Pajé Manoelzinho Caxeado, 2012).

A partir da metade do Século XVIII novas políticas foram implantadas pelo Marquês de Pombal, direcionadas a Portugal e suas colônias, com a expulsão dos Jesuítas e a implantação de um Diretório, alterando a política indigenista. Tendo como consequência “muitos casos de litígios de terras que hoje se dão em áreas indígenas, envolvendo índios e posseiros” (GALINDO 2011, p. 194). E a política adotada a partir do Império brasileiro, principalmente com a implantação da Lei de Terras (1850) teve como consequência a expropriação das terras indígenas, a extinção dos aldeamentos e principalmente a tentativa de

dispersão dos indígenas, pois tinha como argumento a negação da identidade étnica com a finalidade do aumento da exploração das terras ocupadas pelos indígenas. (SILVA, 2006).

Dessa forma, os indígenas no Sertão Pernambuco tiveram que optar pelo arrendamento das suas terras invadidas por fazendeiros ou se refugiar em outras áreas de indígenas. Assim, ocorreu que índios “em fins do século XIX e em pleno Nordeste, mantinham-se arredios, refugiando-se neste último símbolo de resistência, a Serra Negra” (ARRUTI, 1995, p. 68). No Sertão pernambucano, as serras para os indígenas foram e ainda são espaços de resistência, meio de sobrevivência através do uso de recursos da Natureza numa relação histórica sociocultural e identitária. Principalmente a Serra Negra, pois os índios Pankará que habitam a Serra do Arapuá, afirmam que a denominação de cada família tem como ancestralidade a origem na Serra Negra. (MENDONÇA, 2003). E, segundo o Pajé Pedro Limeira, a origem da Serra do Arapuá “foi quando derribou uma braúna, João do Arapuá, surgiu a Serra do Arapuá, que é abelha”. (PAJÉ PEDRO LIMEIRA, 2012).

As mobilizações contemporâneas dos povos indígenas no Nordeste para o reconhecimento de suas identidades étnicas e de seus direitos, dentre eles seus territórios, pelo poder estatal, ocorreram principalmente a partir das décadas de 70 e 80, do Século XX, “É sobre este território que se afirmam como indígena, reelaborando sua cultura e ressignificando suas relações com o meio ambiente” (MENDONÇA, 2003, p. 30).

Dentro do cenário acima descrito encontra-se o estudo em andamento sobre as relações intrínsecas do povo Pankará com a Caatinga, mais especificamente na Serra do Arapuá, Serra Negra e adjacências, em uma reflexão na perspectiva da História Ambiental a partir das relações sobre o acesso desse povo indígena aos recursos naturais desse Bioma.

A política de colonização empreendida no Nordeste brasileiro gerou como consequência para os povos indígenas um processo que pôs em xeque sinais que os diferenciam da população não-indígena, se comparados aos grupos étnicos habitantes de outras regiões do país, a exemplo da Amazônia. (OLIVEIRA, 1999). Entretanto, os grupos indígenas no Nordeste participaram de um longo processo de resistência, resultando em movimentos de emergências étnicas e reconstrução de suas identidades.

Contemporaneamente, o processo histórico sociocultural vivenciado pelos povos indígenas no Sertão pernambucano, ocorre no sentido da afirmação de suas identidades étnicas, envolvendo questões de autorreconhecimento e autoafirmação enquanto grupos indígenas, como o reconhecimento e identificação frente à sociedade brasileira, além das mobilizações pelas reivindicações de territórios, do Ambiente, e expressões socioculturais, fatores fundamentais para afirmação étnica dos povos indígenas.

Diante desse quadro encontram-se vários grupos indígenas, como é o caso do povo Pankará,

Recentemente em 2003, tornou-se público o ressurgimento dos Pankauiká, e dos Pankará em Pernambuco. Esses povos reunidos na cidade de Olinda/PE em 2003, no I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial, se autodenominaram povos resistentes. São povos que vivenciaram um processo dinâmico de reelaborações das suas identidades étnicas, em contextos de lutas pela terra, pela conquista e garantia de seus direitos sociais, a exemplos de uma educação e saúde diferenciadas. (SILVA, 2004, p. 133-134).

O Povo Pankará habitante na Serra do Arapuá foi estudado por Mendonça (2003, p. 19) que escreveu: “a Serra do Arapuá – considerando que este é o espaço físico e simbólico de ocupação tradicional e de representação identitária do grupo”. E ainda acrescentou que,

Possuem uma relação histórica e de parentesco com o grupo Atikum-Umã (Carnaubeira da Penha) permeada por conflitos e instabilidades, expressas por políticas de alianças no período da emergência do povo Atikum, na década de 1940, e de ruptura no período da delimitação e demarcação na década de 1990, que se restringiu à Serra do Umã. (MENDONÇA, 2003, p. 11).

Na mesma perspectiva, o Pajé Pankará Manoelzinho Caxeado afirmou que:

Os Atikum é o mesmo povo. Minha família por parte do avô paterno era os Caxeados. Os Atikum tem também lá no Olho da Água do Padre, perto de Conceição das Crioulas e a outra família era os donos da Serra e muitos foram expulsos. Tinha os índios chamado Mestre Juazeiro, Sultão das Matas, Reis das Matas. O Velho Jucá é da mesma geração nossa. (PAJÉ MANOELZINHO CAXEADO, 2012).

Traçando um paralelo do panorama dos conflitos vivenciados pelo povo Pankará no Raso da Catarina, Sertão baiano, Colaço afirmou que, “os índios do Nordeste têm ainda de lutar pela autodenominação, a garantia do seu território e a inclusão desse segmento social nas políticas públicas”. (COLAÇO, 2006, p. 18).

A nossa pesquisa estuda as relações dos índios Pankaká com o Ambiente onde vivem numa perspectiva da História Ambiental, por possibilitar aprofundar a compreensão “de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. (WORSTER, 1991, p. 200). Nesse sentido, o campo da História Ambiental que será sempre pautado na interdisciplinaridade com outros campos de pesquisas e estudos, pois a História Ambiental “constitui um território privilegiado para o exercício interdisciplinar entendido como a elaboração de uma reflexão que se mesclam conceitos”. (CASTRO, 2003, p. 6).

A pesquisa tem como foco o processo histórico de afirmação do povo Pankará em suas relações com o Ambiente, especialmente o estudo das técnicas e formas de colheita, plantio e uso de plantas e outros recursos naturais como a água em um espaço de um brejo de altitude em meio a Caatinga, em uma região do Sertão, utilizados para fins alimentares, terapêuticos e ritualísticos. Pois tais recursos e principalmente as plantas usadas na ritualística são importantes no processo de consolidação e afirmação identitária de vários povos indígenas no Sertão nordestino. E que os saberes indígenas são variados sobre os recursos da flora, como apontam estudos (COLAÇO, 2006).

Os Pankará na afirmação identitária os seus saberes entrelaçam com o Ambiente, como destacou o Pajé Pedro Limeira, da Aldeia Serra Cacaria, Serra Arapuá:

Nasci índio. Não sei ler. Fui lidando com animais, andando nas matas. Sou índio. A ciência e sabedoria aprendi nas matas, caçando, cuidando das matas, sombras, saber conhecer as réstias, analisar. Aprendi assim, tinha a ciência e sabedoria dos primeiros índios. Não aprendi nada escrito, aprendi nas matas. As matas só usa para remédio. A terra é viva, é a mãe de todos nós e dos animais. A terra é criadora. Uso Velame, Fedegoso, Melão Caetano, Pião Roxo. Tem que saber da medicina ventosa que vem do vento. Tem o Niaré, Pau do Mestre João Cura, resina. Pau alho só tem no Boqueirão. Nós faz a coivara. Planta para o consumo feijão, milho, andu, fava, macaxeira. Tem aqui Casa de farinha e a criação é pouca. Com a seca tem pouco gado e bode. O barro, o caroá e a caça vem do Sertão, pé da serra. Os índios tem a farda, força do caroá (PAJÉ PEDRO LIMEIRA, 2012).

E também o Pajé Manuelzinho Caxeado, da Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá:

Os Pankará têm quatro Pajés. São os que têm ciência, os mais velhos. Fui ensinado pela Natureza. Cada ensinado é da Natureza. A luta vem dos antepassados, o avô, o bisavô e as histórias da nossa vida. Como eles viviam era da caça e se alimentavam da farinha brô feita do pé do catulé. Hoje não faz mais porque é muito difícil. Fazia também a farinha da Mandioca, pornuncia, ainda tem gente que tem, usada no

tempo da Seca. No tempo das chuvas tinha muito o Manuê, um raminha bem fina e de flor rosa, que colocava para secar e pilava e fazia uma massa de farinha. Ainda sai no tempo de chuva, mas é muito pouco. As caças era tatu, peba, preá, mocó, cangambá-tumbanga ou gambá, caititu. Com a seca está aparecendo muito, tão saindo da floresta e estão matando muito, capaz de acabar. A criação de bode é tudo cercado hoje, o pasto é tão bom da Serra que faz com que a carne fique muito boa. O porco e o gado também é criado amarrado, mas com a seca tamos tendo muito dificuldade. (PAJÉ MANOELZINHO CAXEADO, 2012).

Salientamos também a importância desta pesquisa para os estudos sobre a História regional, por possibilitar novas perspectivas de análises através de particularidades das diferenças e multiplicidade da temática. (AMADO, 1990). Com essa pesquisa, pretendemos ainda perceber a memória étnica no sentido do processo histórico dos indígenas no Brasil através de “um regime de memória”, como apontou Pacheco (2011, p. 14) e recomendando que, “um regime de memória propicia um relato de uma história, mas o pesquisador deve buscar as muitas histórias e o seu entrelaçamento”.

A relação do povo Pankará com a Caatinga pode ser exemplificada através da intrínseca convivência dos indígenas com os elementos da Natureza para designar as relações parentais com o uso de metáforas comparando a vegetação e os processos reprodutivos vegetais com suas ancestralidades, como “casca do mesmo pau”, “tronco velho”, trançando um paralelo de uma genealogia humana com a flora e a fauna da Caatinga. (MENDONÇA, 2003, p. 65).

Portanto, para compreender os processos vivenciados pelo povo indígena Pankará, em suas relações com a Natureza, faz-se necessário perceber os espaços de sociabilidades, as vivências cotidianas e as práticas socioculturais e ambientais daquela população indígena na região onde habita.

Por isso, nesse estudo buscamos discutir as relações do povo indígena Pankará com a Natureza, na perspectiva da História Ambiental, a partir da história da presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências em meio a Caatinga no Sertão pernambucano, em sua importância para a afirmação da identidade étnica e reivindicações dos direitos indígenas, focando também nas formas das relações dos Pankará com o Ambiente no acesso e uso dos recursos naturais onde vivem a fim de compreender a percepção desse grupo no conhecimento

do Bioma Caatinga e os significados para afirmação da identidade étnica e reivindicações territoriais.

A relação dos seres humanos com a Natureza ao longo da História tem como uma das características o desenvolvimento de técnicas utilizadas para a sobrevivência que ao mesmo tempo modifica o Ambiente, produzindo cultura como também interfere na própria forma da existência humana.

Nessa relação podemos apontar que o papel do historiador ambiental é interpretar as mudanças ou permanências dos saberes e fazeres dos humanos em relação aos usos dos recursos naturais num determinado local, já que propicia ampliação de conhecimento sobre o passado de comunidades “não-capitalistas” (MARTINEZ, 2005, p. 33).

Assim, esta pesquisa em andamento esta focada na História Ambiental, na percepção de compreender o contexto socioambiental do povo Pankará através dos saberes e fazeres, o aceso e utilização dos recursos naturais do Ambiente onde vive. De acordo com a afirmativa de João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), indígena Pankará da Aldeia do Brejinho,

Quanto mais o tempo mais se desgasta, muita barragem, muito desmatamento. Agora não tão mais desmatando, porque não tem mais folha e até os incêndios diminuíram. As plantas nativas do Pé da Serra tem Jatobá que serve para o sangue e pra gripe. O mororó, a caatinga branca, a caatinga, o angico, o marmeleiro, a umburana de cambão. Tem muita jurema preta e também tem jurema branca e o espinheiro que é outra Jurema. O caroá é muito usado para fazer corda, antigamente tinha muito mais, hoje com as roças diminuiu. Agora o cajueiro é nativo. Tem também a pinheira, a jaca, a manga, a goiabeira e o umbu. As roças diminuíram até o umbuzeiro. Nós planta cana-de-açúcar, arroz, feijão de corda, arranca, milho, batata, macaxeira e guandu. E cria galinha, bode e gado. Aqui também tem muita onça suçuarana que come a criação. (João Manoel de Sá, 2012).

Pode-se destacar que os saberes locais sobre o Ambiente é resultado das estratégias adotadas para garantir a sobrevivência e a mobilização pela posse do território dos indígenas. (CAMPOS, 2006).

Salientamos que o historiador ambiental deve incorporar concepções teórico-metodológicas da Ecologia e assim, para compreender o passado e permitir maior reflexão no presente e futuro e perceber de que forma ocorreu a organização e a funcionalidade de um Ambiente num dado tempo através do diálogo com as Ciências Naturais, em especial a Ecologia. (CASTRO, 2003); (LOPES, 2010).

Em nosso estudo enfocamos a história do povo Pankará em suas relações com a Serra de Arapuá e adjacências, a partir da pesquisa de memórias para perceber os saberes e fazeres indígena no conjunto das relações socioambientais com a Caatinga, na concepção histórica de percepção do passado como, “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações”. (ALBERTI, 2004, p. 33).

Pontua-se que para compreender estudos a partir da memória social são fundamentais as questões do tempo e da História, por encontrar-se “ora, em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 422). Assim, são consideradas as memórias como fonte historiográfica, pois alarga o campo das possibilidades interpretativas, permite múltiplos temas de investigação, formula novas problematizações e produz novas histórias. Pois, “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.” (BOSI, 1987, p. 9).

A partir dessa afirmação, pode-se perceber a memória como a reinvenção de um passado em comum, favorecendo novos olhares para a compreensão do presente e a projeção futura. Por isso, a História pode conter fragmentos ou seleção de dados da memória individual vinculada com a história social. Pode-se apontar que a memória é seletiva uma vez que está voltada tanto para o campo social como o individual. A seleção das lembranças sofre influências do campo sociocultural do grupo ao qual o narrador pertence.

Nesse sentido, (HALBWACHS, 2004) afirmou que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. E ainda, outro pesquisador destacou que, “Para existir de fato, um grupo étnico precisa da memória social, de sua história; portanto, se há índio, estes mantêm a memória de seu passado.” (REESINK, 2011, p. 528).

O campo historiográfico é ainda focado na História Oral com pesquisas sobre história e memória, pois a importância da História Oral consiste em propiciar as subjetividades e as representações do passado de forma objetiva, atuando a partir da realidade e da nossa compreensão do passado. (ALBERTI, 2004). Assim, esse estudo considera procedimentos

metodológicos que possibilite contemplar a natureza da pesquisa, o cenário, os interlocutores, bem como os formatos e a análise de dados. A pesquisa pretende analisar as maneiras de ser e de fazer do povo Pankará.

O cenário da pesquisa é a Serra do Arapuá e adjacências, no município de Carnaubeira da Penha/PE, Sertão pernambucano, tendo como atores principal o povo indígena Pankará. Utilizando-se de procedimentos metodológicos das pesquisas bibliográficas, da História Oral em uma perspectiva de abordagens interdisciplinares a exemplo dos estudos da Ecologia sobre aquela região, com o intuito de compreender a população indígena local e suas relações históricas com a Natureza, valorizando os sujeitos, como protagonistas do fazer histórico vivendo em um Ambiente específico, o Sertão pernambucano, mobilizando-se para afirmação de sua identidade étnica e reivindicando direitos territoriais.

O desenvolvimento dessa pesquisa é de natureza qualitativa. Para Ludke & Andre (1995), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo.

A coleta de dados tem como suporte metodológico o método de entrevistas semiestruturadas e entrevistas/narrativas de acordo com a técnica da História Oral. A pesquisa também se utiliza de fontes bibliográficas sobre a História do Sertão, dos indígenas no Nordeste e da História Ambiental da Caatinga. Além de documentos disponíveis no Arquivo Público de Pernambuco sobre a região a ser estudada.

As entrevistas são temáticas, focadas nas questões da História das relações sociais e ambientais. Selecionamos para participar das entrevistas lideranças do povo Pankará, mulheres e homens mais velhos, a fim de perceber os saberes e fazeres dos Pankará historicamente construídos na convivência com a Caatinga, na Serra do Arapuá e adjacências.

As entrevistas estão sendo transcritas, digitadas, analisadas e interpretadas (ALBERTI, 2004), tendo-se o cuidado do uso que se deve fazer do material, já que estamos lidando com experiências de sujeitos, de seres humanos, e isso exige sempre sensibilidade, respeito e ética.

As análises e interpretações dos dados obtidos serão com o intuito de contribuir na afirmação, valorização e proporcionar maior visibilidade dos indígenas no Sertão de Pernambuco, especificamente o povo Pankará por meio da produção de artigos científicos para elaboração da Dissertação como resultado da pesquisa realizada.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para ampliar reflexões sobre o campo da História Ambiental por meio de pesquisas sobre a história, as sociabilidades, a territorialidade, a identidade, as expressões socioculturais e as relações dos Pankará com a Caatinga.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (Org.). **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo, Editora Marco Zero, 1991, p.13.
- ANDRADE, Manuel C. de. **A terra e o homem no Nordeste**. 6ª ed. Recife, Edufpe, 1998.
- ARRUTI, José M. A. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 57-97. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1995>. Acessado em 30/09/2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.
- CAMPOS, Carla Siqueira. **Por uma antropologia ecológica dos Fulni-ô de Águas Belas**. Recife: UFPE, 2006. (Dissertação em Antropologia).
- CASTRO, Maria Inês Malta. Reflexões sobre a História Ambiental. **Revista FACE**, Brasília, Vol. 1, n. 1, 2003. Disponível em <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/594>. Acessado em 27/09/2012.
- CASTRO, Rodrigo. **Reservas privadas do Bioma Caatinga**. Philip Reed Associação Caatinga. Disponível em:

http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/rodrigocastro.htm.

Acessado em 04/02/2012.

COLAÇO, Miguel Ângelo da Silva. **Etnobotânica dos índios Pankararé, no Raso da Catarina–Bahia: uso e importância cultural de plantas da Caatinga**. Feira de Santana, UEFS, 2006. (Dissertação em Botânica).

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Contexto, 2006.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, 4(8), 1991, 177-197.

_____, José Augusto. Ciência Social Ambiental: notas sobre uma abordagem necessariamente eclética. In: Rival Carvalho Rolim et al. (Orgs.). **História Espaço e Meio Ambiente. VI Encontro Regional de História Ambiental da ANPUH**. Maringá, ANPUH, 2000, p.11-42.

GALINDO, Marcos. A submergência tapuia. In: OLIVEIRA, Pacheco. (Org.). **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 167-215.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.

ICMBIO. **Análise da Região da Unidade de Conservação**. Encarte 2 – Plano de Manejo da Reserva Biológica da Serra Negra. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/serra%20negra-analise.pdf>. Acessado em 28/09/2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. (Org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

HONORATO, Manoel da Costa. **Dicionário topográfico, estatístico e histórico de Pernambuco**. 2ª ed. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1976.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEAL, Inara R; TABARELLI, Marcelo; Silva, José Maria C. da; (Orgs.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. 2ª ed. Recife: Edufpe, 2005.

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: História Social nos sertões do Brasil**. Brasília, UNB, Paralelo 15. 1996.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. História Ambiental: uma demanda contemporânea. **Cadernos de Pesquisa Cdhis**. Uberlândia, V. 23, n. 2, jul/dez, 2010, p. 303-330.

LOPES, Esmeraldo Gonçalves. **Até onde a memória alcança**: um estudo sobre catingueiros e beiradeiros no Sub-Médio do Vale do Rio São Francisco. Recife, UFPE, 2004. (Dissertação em Sociologia). Disponível em: www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041124145735.pdf, acessado em 20/09/2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em Educação: abordagens educativas**. São Paulo, Editora Epu, 1995.

MARCARENHAS, João de Castro *et all* (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Carnaubeira da Penha, Estado de Pernambuco**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5ª ed. rev. atual. Recife, Edufpe, 2011.

MARTINS. Marcus Lobato. **História e Meio Ambiente**. São Paulo, Anablume, 2007.

MARTINEZ. Paulo Henrique. Brasil: desafios para um História Ambiental. **Nômad**, nº. 22, Abril 2005, Universidad Central-Colômbia. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3994658>. Acessado em 25/09/2012.

MENDONÇA. Caroline Farias Leal. **Os índios da Serra do Arapuá**: identidade, território e conflito no Sertão de Pernambuco. Recife, UFPE, 2003. (Dissertação em Antropologia).

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999, p. 13-38.

_____. (Org.). **A presença indígena no Nordeste**: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011.

OZÓRIO, Gilberto. **A Serra Negra**: uma relíquia geomórfica e hidrófita nos tabuleiros pernambucanos. Recife, 1954.

POMPA, Cristina. História de um desaparecimento anunciado: as aldeias missionárias do São Francisco, séculos XVIII-XIX. In: OLIVEIRA, Pacheco (Org.). **A presença indígena no**

Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 267-292.

REESINK, Edwin. O coração da aldeia: a Ilha, dominação interétnica, expropriação territorial histórica e “invisibilidade” dos Kaimbé de Massacará. In: OLIVEIRA, Pacheco (Org.). **A presença indígena no Nordeste:** processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 513-546.

PÔRTO, Kátia C.; CABRAL, Jaime J. P; TABARELLI, Marcelo. (Orgs.). **Brejos de Altitudes em Pernambuco e na Paraíba: História Natural, Ecologia e conservação.** Brasília: MMA, 2004.

SALDANHA, Suely Maris. Fronteiras dos Sertões em narrativa: índios, conflitos, resistências e políticas pombalina. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/SNH2011/TextoSuelyMS.pdf>. Acessado em 27/09/2012.

SILVA, Edson. “Os caboclos” que são índios: História e resistência indígena no Nordeste. In: **Portal do São Francisco–Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF.** Belém de São Francisco, ano III, no. 3, 2004, p.127-137.

_____. Índios organizados, mobilizados e atuantes: história indígena em Pernambuco nos documentos do Arquivo Público. **Revista de Estudos e Pesquisas.** Brasília, FUNAI, v.3, n.1/2, p.175-224, jul./dez. 2006. Disponível em http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/REP3-2-1/07indios_organizados_mobilizados_e_atuantes_Edson_Silva.pdf. Acessado em 30/03/2012.

_____. História, reelaboração cultural e resistência indígena no Nordeste. **Revista NetHistória.** Disponível em <http://www.nethistoria.com.br/index.php?secao=conteudo.php&sc=3&id=454&cp=1021>. Acessado em 28/09/2012.

SILVA. Luís Severino da. Brejos de altitude, refúgios para os grupos humanos do Sertão: o caso da Serra do Arapuá, Floresta, PE. **Clio Série Arqueológica**, v.1, n. 14 - Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife: UFPE, 1999, p. 237-244. Disponível em <http://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/2000-N14/2000a16.pdf>. Acessado em 27/11/2012.

SOBRINHO, Vasconcelos. **As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização**. Recife, Condepe, 2005.

SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas do Brasil: Pankará: localização e contexto**. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankara/1353>. Acessado em 24/09/2012.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos**, Vol. 4, N. 8, 1991, CPDOC/FGV. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2324>. Acessado em 20/09/2012.

Entrevistas:

João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), 86 anos. Aldeia do Brejinho, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012.

Manoel Antonio do Nascimento (Manoelzinho Caxeado), 80 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 30/11/2012.

Pedro Limeira, 82 anos. Serra da Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012.